

1 Introdução

Apesar da crescente oferta de vagas para o Ensino Médio nas escolas públicas garantida pela aprovação, em 2009, da lei que institui no Brasil a universalização desta etapa da educação escolar, ainda há muito que fazer no sentido de garantir que os alunos concluam esta etapa com acesso a um ensino de qualidade. Um levantamento de 2009 indica que o índice de evasão no Ensino Médio público do município do Rio de Janeiro foi de 18%, enquanto 60% dos alunos estão abaixo das séries que lhes seriam apropriadas para suas idades¹.

O histórico de reprovações ao longo do percurso escolar é reconhecido como um fator agravante da probabilidade de evasão de um aluno, entretanto, quando questionados pelo motivo do abandono da escola, a maior parte deles aponta como causa o desinteresse pelos estudos². A expansão do Ensino Médio para uma parcela da população que se manteve por muito tempo excluída das etapas mais avançadas da educação mostra-se insuficiente para garantir a formação deste contingente, caso não haja também mudanças qualitativas que o torne atrativo para estes novos alunos.

Não é só no Brasil, e nem mesmo só entre os mais pobres, que se constata esta postura apática dos jovens diante da escola. A instituição escolar vem enfrentando, junto com a familiar, a perda do monopólio sobre a socialização juvenil, que atualmente se efetua nos vários espaços por onde os jovens circulam, sejam as ruas ou a internet. À escola, especialmente no Ensino Médio, cabe atentar aos interesses e demandas das novas gerações, a fim de cumprir seu dever de garantir educação de qualidade a todos, possibilitando a mobilidade social.

A escolarização hoje se dá em um contexto de pressão do mercado de trabalho por qualificações cada vez mais altas, forçando a permanência dos jovens na escola. Os alunos assumem, então, uma perspectiva funcionalista da escola e

¹ Indicadores disponibilizados pela ONG Rio Como Vamos, a partir de dados cedidos pela Secretaria de Educação do Estado do Rio de Janeiro: <http://www.riocomovamos.org.br/indicadores/>

² Segundo o relatório da pesquisa Motivos da Evasão Escolar promovida pela Fundação Getúlio Vargas em parceria com o Instituto Unibanco: <http://www.fgv.br/cps/tpemotivos/>

criam suas próprias estratégias para garantir um bom desempenho independentemente do interesse intrínseco pelas aulas.

Como etapa final da educação básica, o Ensino Médio deveria fornecer as bases para a transição da vida escolar para o mundo do trabalho, promovendo além do acesso ao conhecimento, o desenvolvimento da autonomia individual. No entanto, esta etapa do ensino tem, no Brasil, caráter prioritariamente propedêutico e volta-se para a garantia do sucesso no vestibular, negligenciando aqueles que não podem adiar o ingresso no mercado de trabalho. A fim de que a escola se estabeleça como um espaço adequado às necessidades de seus alunos, mostra-se necessário conhecer suas demandas reais, considerando seus contextos e seus processos de desenvolvimento.

Algumas pesquisas mais atuais sobre a juventude, das quais trataremos neste trabalho, alertam para o fato de que tradicionalmente os jovens têm sido estudados a partir da perspectiva adulta, isto é, dos problemas que as novas gerações colocam para as mais antigas. Desta forma, as concepções sobre a juventude continuam marcadas por naturalizações – como a de que se trata de uma fase de crise – e simplificações – como a ideia de que os jovens tendem a aderir a uma cultura ou subculturas que lhes são próprias.

Essa observação, articulada à questão da postura aparentemente apática dos jovens no meio escolar, nos faz questionar se os dilemas e necessidades concretos dos alunos estão sendo considerados pelas escolas ou se os agentes institucionais estariam baseando suas práticas ainda nas representações abstratas e reducionistas enraizadas no senso comum ou divulgadas pela mídia.

Acreditando que a educação básica também perde em potencialidade formativa ao silenciar os jovens, insistindo em práticas que demandam deles apenas passividade e disciplina, questionamos se não seria importante que houvesse mais espaço para a expressão individual na escola, especialmente no Ensino Médio, período em que os alunos vivem com intensidade as transformações relativas à transição para a vida adulta, como a conquista de maior autonomia e a necessidade de tomada de decisões que vão marcar seus futuros.

Neste trabalho, procuramos articular referências teóricas da sociologia da educação e da juventude, da psicologia e da filosofia da linguagem, a fim de estudar o jovem situado, em sua condição de sujeito que reflete sobre o mundo e

sobre si-mesmo. Um sujeito que não adere simplesmente a certos padrões identitários e que também não é determinado exclusivamente por suas condições de existência; que constrói sua própria identidade em confronto com as circunstâncias da realidade através dos recursos da linguagem e da narrativa. Com base nesses pressupostos, empreendemos uma pesquisa com jovens alunos de uma escola pública estadual do município do Rio de Janeiro, a fim de aprofundar a compreensão a respeito das formas como eles elaboram suas identidades na condição de aluno.

Expomos no segundo capítulo a fundamentação teórica deste trabalho. Em sua primeira parte apresentamos algumas considerações dos estudos sociológicos acerca da juventude contemporânea e sua relação com a escola, que sugerem a necessidade de um olhar sobre os jovens que privilegiem suas singularidades, seus contextos de socialização e seus processos de desenvolvimento. São apresentadas em seguida contribuições do campo da psicologia para o estudo da juventude e expostos os fundamentos do conceito de identidade narrativa e dialógica ao qual aderimos neste trabalho. Por fim, falamos das contribuições dos métodos autobiográficos para as pesquisas no campo da educação e apontamos para a potencialidade desta abordagem para atividades de pesquisa e de formação com jovens.

No terceiro capítulo apresentamos os objetivos e questões desta pesquisa e no quarto apresentamos a metodologia adotada e o processo de entrada em campo.

No quinto capítulo desenvolvemos a análise dos dados produzidos em campo a partir dos depoimentos dos participantes da pesquisa: alunos de uma escola estadual da zona sul do Rio de Janeiro. Esta análise está dividida em duas partes: a primeira, *análise do posicionamento coletivo*, diz respeito aos discursos expressos pelo grupo de participantes como um todo, enquanto a segunda, *análise da construção identitária individual*, busca compreender as identidades que participantes constroem para si-mesmos a partir de seus posicionamentos.

No sexto e último capítulo deste trabalho, apresentamos as considerações finais da pesquisa.